

SBH
Hyp. 60 Feb 20

Intérprete do Brasil

Antônio Carlos Villaça

Sérgio Buarque de Holanda, que acaba de morrer em São Paulo, na glória dos seus quase oitenta anos, não foi apenas o fino e erudito historiador das **Raízes do Brasil**, seu livro de estréia em 1936, ou da **Visão do paraíso**, sobre os motivos edênicos na descoberta do País.

Foi também o grande crítico literário, informado e objetivo, de **Cobra de vidro** e **Tentativas de mitologia**. Fundara em 1924 a revista **Estética**, aqui no Rio, com o saudoso Pedro Dantas (Prudente de Moraes, neto), pioneira do modernismo entre nós. Sérgio começou como esteta.

Em dezembro de 1928, Tristão de Athaíde endereçou-lhe uma famosa carta-aberta, o seu **Adeus à disponibilidade**, documento filosófico, em que justificava diante de Sérgio a conversão religiosa, ocorrida em agosto de 1928. Sérgio Buarque foi assim, na circunstância, uma espécie de representante da sua geração.

Mas em 1929 lá se dirigiu ele para a Alemanha. E foram dois anos de estudos, de pesquisas, de contato com a cultura européia. Nascia o historiador, isto é, o ensaísta erudito. O intérprete do Brasil.

Em 1940-1941, teve Sérgio a missão de substituir Mário de Andrade no rodapé semanal de crítica literária, no **Diário de Notícias** do Rio. Depois, escreveu ele artigos críticos para o **Diário Carioca** e para a **Folha de São Paulo**. Ao volume **Cobra de vidro**, incorporou também o ensaio «Trajetória de uma Poesia», sobre Manuel Bandeira, que já aparecera como introdução às **Obras Completas** do poeta, em 1958, e fora antes, mais resumidamente, o texto da sua colaboração ao volume coletivo a respeito de Manuel em 1936, por ocasião do cinquentenário.

O próprio Bandeira considerava esse estudo crítico e o de Onestaldo de Pennafort os melhores da coletânea tão impor-



SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA

tante. Tal a erudição e a sensibilidade de Sérgio Buarque.

A crítica de nosso historiador se caracterizou pela precisão e a elegância, como lembrava Nilo Scalzo. E foi Manuel Bandeira quem uma vez falou numa crônica de três grandes escritores brasileiros que souberam assimilar organicamente a influência estrangeira, sendo fiéis ao seu contorno brasileiro: Machado de Assis, João Ribeiro e Sérgio Buarque de Holanda.

Foi Sérgio um admirável crítico literário, objetivo e culto. Leia-se o seu ensaio a respeito de Lima Barreto, em **Cobra de vidro**. Pertenceu a uma geração de críticos humanistas, como Roberto Alvim Corrêa, Sérgio Milliet e Alvaro Lins. Havia nele tradição e modernidade.

Jornal de Letras
Jun. 82